



O fim de uma Europa de Leste homogénea

A Europa de Leste foi fortemente afectada pela crise de crédito, particularmente desde meados de 2008. Nessa altura, tornaram-se evidentes muitas das debilidades estruturais que, durante anos, foram mascaradas pelo excedente global de liquidez que, em parte, foi canalizado para aquela área geográfica.

A partir de Setembro de 2008 muitas das moedas daquela região registaram fortes desvalorizações e muitos países tiveram que levar a cabo medidas de estabilização macroeconómica, com e sem a assistência de instituições internacionais como o Banco Central Europeu, União Europeia e Fundo Monetário Internacional.

No entanto, se se fizer uma análise mais pormenorizada, chegar-se-á à conclusão,

que vinte anos depois de o processo de transição se ter iniciado, o conceito de uma “Europa de Leste” economicamente homogénea e claramente definível deixou de existir. O facto de a Eslovénia e a Eslováquia já terem adoptado a moeda única ou de os eslovenos ou os checos já terem ultrapassado alguns dos países cuja adesão já se havia feito há mais anos são disso provas substanciais.

A forma díspar como a crise financeira se fez sentir nos vários países que compõem a Europa de Leste também reforça esta ideia. Os mais prejudicados foram os Estados que, ao longo dos anos, desenvolveram fortes desequilíbrios nas contas públicas e que implicaram uma fortíssima dependência do financiamento externo. Hungria,

Estados Bálticos e do Sudeste são casos paradigmáticos.

No lado oposto, a República Checa e a Polónia são, neste momento, países relativamente estáveis e menos afectados pelo actual clima macroeconómico. Este é o resultado de uma maior propensão à poupança dos seus cidadãos e da prossecução de uma política monetária independente. Para além disso, estes dois países foram capazes, durante vários anos, de atrair grandes volumes de investimento directo estrangeiro produtivo e de criar um clima empresarial competitivo que se aproxima, em muitos aspectos, dos “standards” da Europa ocidental. As reformas estruturais que marcaram os anos de transição destes países não foram suficientes

para evitar os efeitos da crise financeira e económica global mas serão decisivos para uma rápida recuperação quando o ciclo inverter.

Em 2009 e nos anos seguintes devese-á continuar a seguir o padrão que já se verificou este ano: os países que já implementaram com sucesso reformas estruturais deverão continuar o processo de convergência com a “Europa rica” e, pelo contrário, os países cujo “trabalho de casa” ainda não foi feito deverão continuar a padecer dos mesmos males que até aqui. O tema da diferença de prosperidade entre a Europa mais rica e a Europa de Leste e mesmo dentro da própria Europa de Leste deverá, por isso, continuar na ordem do dia nas próximas décadas.